CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: Política Indig. Oficial

Data: 20 de Dezembro de 1973

Pg.: K2R00059

**Sertanista
diverge e deixa a Funai**

Do correspondente em
CUIABA'

O sertanista Gilberto Rosa, funcionário da Funai no Parque Indígena de Aripuanã, afirmou ontem que pedirá demissão ao órgão por achar que nada mais pode fazer pelos índios no Brasil diante da expansão da sociedade nacional em direção à Amazonia. Formado pelo curso de indigenismo da Funai, Rosa passou cerca de um ano junto aos índios cintas-largas e suruí, que vivem, segundo o sertanista, numa condição "lastimável".

— Por que continuar? Nós, técnicos em indigenismo ou sertanistas em nada podemos influir para que as atuais diretrizes sejam virtualmente modificadas em favor do índio. No Posto Roosevelt, por exemplo, onde fiquei desde maio, tive tempo suficiente para perceber com clareza o que está acontecendo e de que maneira uma comunidade tribal vai sendo afetada pela incursão do branco, sempre em busca de riquezas e sempre sem se importar com a condição de ser humano do índio.

Nesse tempo Rosa diz que viu os "nobres e altivos" cintas-largas sucumbirem às doenças e os suruí entregarem-se à condição de pedintes na BR-364, assolados pela tuberculose. Nus, num estado quase primitivo, apesar de contactados há três anos, os suruí — diz Rosa — revelam "os resultados de uma má política de integração".

Quando chegou ao posto Roosevelt, Rosa ainda estava sob o impacto da morte do jornalista e depois sertanista Possidônio Bastos e do funcionário Acrísio Lima, assassinados pelos cintas-largas em 1971. Mas encontrou índios amistosos. "Traziam-me presentes e nem de longe pareciam capazes de ter uma reação violenta". Investigando, Gilberto Rosa descobriu que os dois foram mortos porque Acrísio Lima, "segundo os índios, tinha vocação de conquistador" e incomodava as índias. Possidônio estava com ele na hora em que os guerreiros se revoltaram.

Outra descoberta de Rosa foi um filão de ouro no território dos cintas-largas. "Contando assim, a coisa chega a ter o sabor de lenda, mas é pura ver-

dade. Trata-se de um córrego localizado a mais ou menos 40 quilômetros do rio Tenente Maia, afluente do Roosevelt". Os cintas-largas, inclusive, apanham grandes pepitas e um deles já chegou a trocar uma delas por bugigangas com um branco, que a vendeu por 600 cruzeiros.

Gilberto Rosa foi um dos primeiros chefes de postos indígenas formados no curso de indigenismo que a Funai mantém em convênio com a Universidade de Brasília. Iniciado em junho de 71, o curso forma pessoal especializado para chefiar os postos e depois ser utilizado em outras missões — como pacificação ou atração de grupos arredios —, diante da falta de sertanistas no País.

Aparentemente, há poucas pessoas no Brasil dispostas a se embrenhar na selva e cumprir o lema "Morrer, se preciso for; matar, nunca", do decano dos sertanistas, o marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, que se entregou à causa indígena quando foi instalar linhas telegráficas, em 1890, em Mato Grosso. O ex-Serviço de Proteção aos Índios, criado em 1919 e extinto em 1967, criou bons e dedicados profissionais, mas a formação teórica nasceu com o curso da Funai.

Em junho de 71, só havia 20 técnicos indigenistas no quadro de funcionários da Fundação. No final de 72, formados pelo curso de Brasília, havia 213. A maioria eram jovens com curso ginasial, atraídos, como confessou ontem Gilberto Rosa, "mais pela possibilidade de aventura na selva do que pelo índio propriamente". Na verdade, a década de 70 marca o fim da profissão de sertanista, sempre confundida com a abnegação e a renúncia. E a própria Funai tem-se encarregado de substituir o pessoal antigo pelo formado por seu curso.

Em menos de um ano — entre 72 e 73 — pelo menos sete sertanistas antigos foram afastados pelo órgão, outros punidos e alguns desprestigiados. Antonio Cotrim Neto — que pediu demissão mas terminou sendo demitido — abriu o ciclo de denúncias e renúncias e abandonou a Funai em maio de 72, depois de 10 anos cuidando de índios no Pará. Euvaldo Gomes, intérprete de Francisco Meirelles na pacificação dos xavantes, em 46, foi afastado em 72.

Em junho era a vez de José do Carmo Santana, o Zé Bel, amigo e auxiliar de Apoena Meirelles na direção do Parque Indígena de Aripuanã. Apoena criticou a Funai, Zé Bel o acompanhou e foi demitido. Continuando as críticas, Apoena ganhou uma sus-

pensão de 15 dias e foi tirado da direção do parque, mas depois encarregou-se de missões importantes, como consolidar os contatos com os krahôncos e agora atrair os avá-canóciros. Nessa missão, como auxiliar particular, levou Zé Bel e espera que a Funai o encarregue de ficar cuidando dos canóciros na Ilha do Bananal.

Apoena Meirelles, 25 anos, continua o trabalho de seu pai, Francisco Meirelles, que morreu em junho de 1973. Com a morte de Chico, sobraram apenas dois grandes, lendários e famosos sertanistas, os irmãos Claudio e Orlando Villas-Doas, cujas relações com a Funai não podem ser consideradas tão boas quanto as com os índios. Em 1971, os dois receberam um rádio da Funai.

naí convidando-os a não criticarem publicamente a passagem da estrada Xavantina Cachimbo pelo Parque Nacional do Xingu, onde cuidam de quase 3 mil índios.

Indignados com os brancos, contendo os índios e inconformados com o que chamam de "má política indigenista", os sertanistas independentes estão realmente desaparecendo. Para discutir esses problemas Apoena, seu pai Francisco e Cotrim Neto propuseram, em 72, a criação de um Conselho de Sertanistas, um órgão de consulta e apoio à Funai. Mas o presidente do órgão, general Bandeira de Mello, achou que a idéia poderia ser de "uma organização subversiva, nos moldes das encontradas na União Soviética". E o Conselho nunca foi criado.